

BOB

Um Gato Fora do Normal

JAMES BOWEN

Versão inédita, com fotos coloridas, do
best-seller *Um Gato de Rua Chamado Bob*

Tradução

Maria Angela Amorim De Paschoal



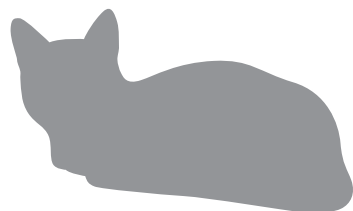
Capítulo 1

Companheiros de Viagem

Há uma citação famosa que diz que recebemos uma segunda chance todos os dias, mas geralmente não a aproveitamos. Passei grande parte de minha existência provando que isso é verdade. Mas tudo mudou no começo da primavera de 2007, quando me tornei amigo de um gato, o Bob.

Conheci Bob em uma noite sombria. Era uma quinta-feira de março. Havia previsão de geada para aquela noite, por isso cheguei em casa, no norte de Londres, um pouco mais cedo do que o costume, após mais um dia nas ruas movimentadas de Covent Garden.

O elevador do meu prédio não estava funcionando, então minha amiga Belle e eu seguimos em direção à escada. A lâmpada estava quebrada, e o hall de entrada, escuro como breu, mas não pude deixar de notar um par de olhos reluzindo na escuridão. Um gato laranja estava enrolado sobre um capacho, do lado de fora de um dos apartamentos do térreo. Era um macho.





Ele me encarou com um olhar inteligente. “Então, quem é você e o que faz aqui?”, parecia perguntar.

Eu me ajoelhei.

— Olá, companheiro. Nunca te vi antes. Você mora aqui?

Ele continuou me encarando, me analisando. Fiz carinho no seu pescoço, em parte para ficar amigo dele e, por outro lado, para saber se usava coleira. Não usava.

Ele adorou a atenção. Seu pelo era desigual, havia falhas em alguns lugares, e ele estava visivelmente faminto. Pelo modo como se encostou em mim, pude perceber que precisava de um amigo.

— Acho que é um gato de rua — eu disse a Belle.

Belle sabia que eu adorava gatos.

— Você não pode ficar com ele, James — ela me advertiu, apontando para o capacho onde o gato estava sentado. — Provavelmente ele pertence a alguém aqui do prédio.

Ela estava certa. A última coisa de que eu precisava naquele momento da minha vida era um gato. Já estava bem difícil tomar conta de mim mesmo.



Na manhã seguinte, o gato ainda estava lá. Fiz novamente um carinho nele, que ronronou, agradecendo a atenção.

Com a luz do dia, pude perceber que era um animal lindo. Tinha um rosto impressionante, com penetrantes olhos verdes. A julgar pelos arranhões em suas patas e no focinho, devia ter se envolvido em alguma briga ou acidente. Seu pelo

era ralo e espetado, havia buracos em vários lugares. Fiquei realmente preocupado com o bichano.

Pare de se preocupar com o gato; em vez disso, preocupe-se com você mesmo, pensei. Contrariado, me afastei e fui pegar o ônibus para o distrito de Covent Garden, onde tentaria ganhar alguns trocados me apresentando na rua.

Ao voltar para casa, já era tarde — quase dez horas. Desci apressado pelo corredor para ver se encontrava o tal gato laranja, mas ele havia ido embora. Uma parte de mim ficou desapontada, porém, mais do que tudo, fiquei aliviado.



No dia seguinte, meu coração deu um pulo ao vê-lo novamente, no mesmo lugar. Ele estava mais fraco e mais desganhado do que nunca. Parecia faminto e com frio, pois estava tremendo.

— Ainda está aqui, hein? — eu lhe disse, fazendo um afago. — Você não parece muito bem hoje.

Já havia esperado tempo demais. Bati na porta do apartamento.

— Desculpe incomodar, companheiro — perguntei ao homem com a barba por fazer que abriu a porta. — Este gato é seu?

— Não — ele respondeu, olhando desinteressado para o bichano. — Não tenho nada a ver com este gato, cara.

Ao vê-lo fechar a porta com força, minha mente tomou uma decisão ali mesmo.

— Vem comigo! — exclamei.



Peguei a caixa de petiscos que eu costumava levar para agradar os gatos e cachorros que se aproximavam de mim enquanto fazia minhas performances. Sacudi para fazer barulho, e ele me seguiu.

Sua pata traseira estava ferida, então ele subiu lentamente os degraus. Quando chegamos ao meu apartamento, peguei um pouco de leite na geladeira e misturei com água antes de despejar num pires. Muita gente não sabe, mas leite em grandes quantidades não faz bem para os gatos. Ele lambeu tudo em segundos.

Eu tinha atum na geladeira, então o amassei com alguns dos petiscos e também lhe ofereci. Novamente, ele traçou tudo.

Coitadinho, deve estar morto de fome, pensei.

Ele estava com um abscesso horrível na pata direita traseira. Talvez tivesse sido mordido por um cachorro ou uma raposa. Ele me deixou examinar, enquanto se aconchegava ao lado do aquecedor, e até mesmo permitiu que eu esterilizasse sua ferida. A maioria dos gatos teria aprontado um escândalo, mas ele se comportou como um anjinho.

O gato passou o resto do dia perto do aquecedor. Mas também deu voltas pelo apartamento, pulando e arranhando tudo o que encontrava pela frente. Ele tinha muita energia acumulada. Gatos jovens, se não forem castrados, podem ser extremamente ativos.

Quando fui para a cama, ele me seguiu até o quarto, onde se encolheu como uma bola aos meus pés. Enquanto ouvia seu ronronar suave no escuro, senti algo muito bom por ele estar ali. Era uma companhia.



No domingo de manhã, levantei bem cedo para ver se conseguia encontrar o dono do gato. Quase sempre havia anúncios “Gato Perdido” nos quadros de avisos e nos pontos de ônibus. Levei o gato comigo — caso encontrasse o dono rapidamente —, amarrado a uma coleira improvisada, feita com um cadarço de sapato. Ele parecia contente, caminhando a meu lado enquanto descíamos as escadas.

Lá fora, porém, ele começou a puxar a coleira. Acho que queria fazer suas necessidades. Como imaginei, ele caminhou até um canteiro. Depois, voltou para o meu lado e alegremente me seguiu.

Ele realmente deve confiar em mim, pensei. Eu tinha que retribuir aquela confiança e tentar ajudá-lo.



Do outro lado da minha rua havia uma senhora famosa por cuidar de gatos. Todos os bichanos do bairro fugiam para seu quintal, sabendo que ali era o melhor lugar para conseguir um pouco de comida. Eu não tinha ideia de como ela arranjava grana para alimentar todos.

— Ele é adorável — ela disse quando viu o Bob.

— Você o conhece? — me surpreendi enquanto ela lhe dava um petisco.

Ela balançou a cabeça.

— Nunca o vi antes. Aposto que é de algum outro lugar de Londres. Não duvido que tenha sido abandonado, pobrezinho.



Tive a sensação de que ela estava certa; ele era não era dali.

De volta às ruas, soltei-o da coleira para ver se ele sabia aonde ir. Mas ele me encarou com seus grandes olhos verdes. “Não sei onde estou”, parecia querer dizer. “Não posso ficar com você?”

Qual seria a história daquele gato? Será que era o bichinho de estimação de alguma família? Talvez tenha pertencido a uma pessoa idosa que faleceu... Ou talvez tenha sido um presente de Natal, ou de aniversário, mas a família não deu conta de cuidar quando ele ficou maior e mais sapeca... Esses gatos laranja podem ser um pouco malucos, e ficam ainda piores se não forem castrados.

“Já chega!” Imaginei seus antigos donos dizendo isso ao jogá-lo na beira da estrada.

Os gatos têm um excelente senso de direção, mas Bob não tentou encontrar o caminho de casa. Talvez ele soubesse que seu antigo lar não era um bom lugar para viver, que estava na hora de encontrar um novo dono.

A melhor pista para descobrir sua identidade era aquele ferimento asqueroso. A ferida já existia há alguns dias, parece que ele se metera em uma briga. Isso dava a entender que se tratava de um gato de rua.

Londres sempre teve muitos gatos de rua, que perambulam por suas vias e vivem de migalhas e do carinho de estranhos. Esses vira-latas são o refugio e os destroços da cidade, lutam pela sobrevivência todos os dias. Muitos deles são parecidos com o gato laranja: um pouco maltrapilhos, criaturas sofridas.

Talvez ele tenha encontrado em mim sua alma gêmea.